

95/E

Biblioteca Popular de Lisboa

Album

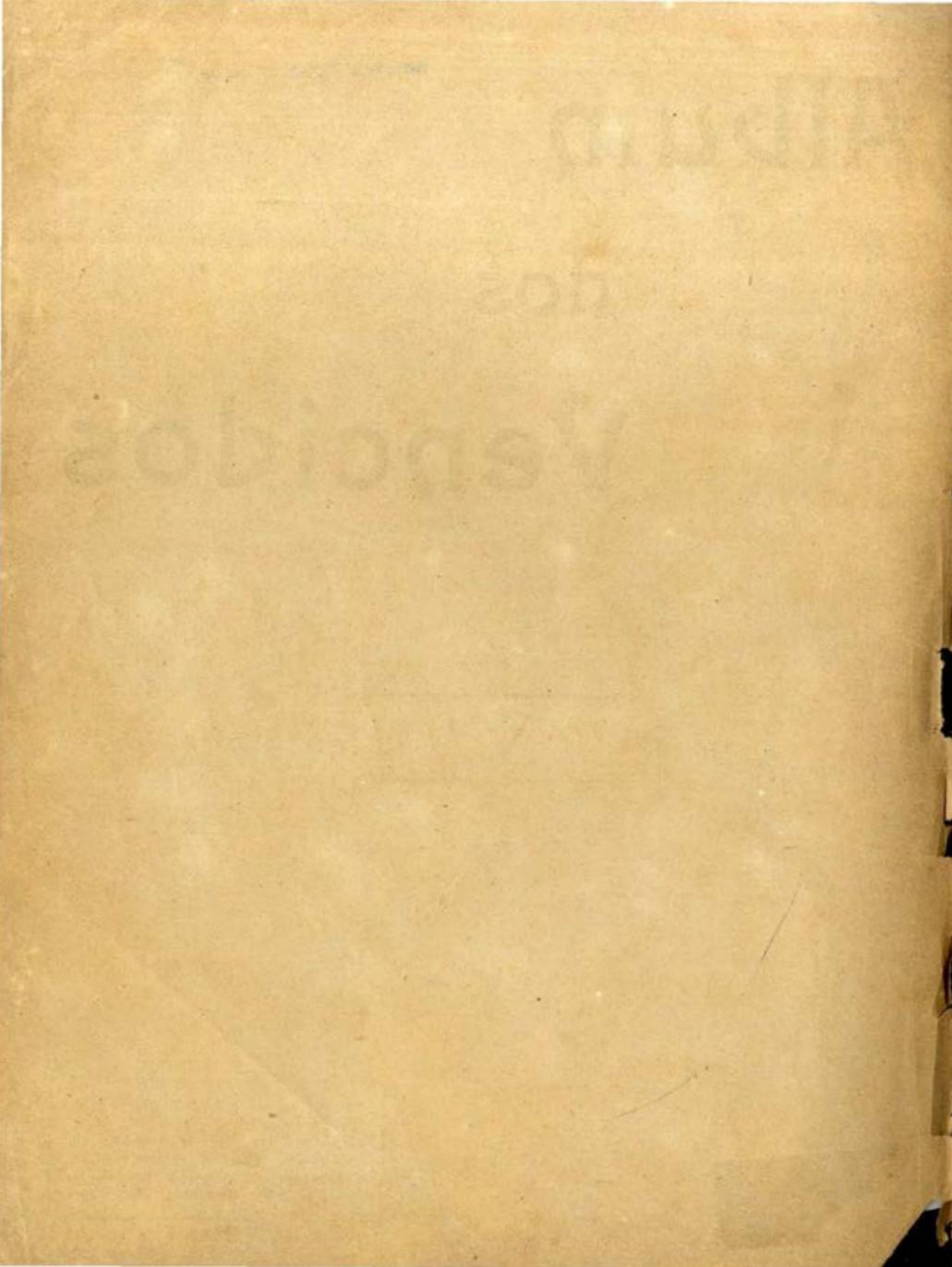
dos

Vencidos

N.º 9

Editor, Director e Proprietario, Alberto
Pereira d'Almeida ♦ Redacção e Admini-
stração, Rua Ruy de Pina, n.º 18,
GUARDA ♦ Composto e impresso na
Typographia do Anuario Commercial,
Praça dos Restauradores, 27, Lisboa.

113 FH



Conselheiro Azevedo Coutinho

As occurrencias do mez d'outubro de 1913, vieram mais uma vez pôr em destaque esta individualidade que desde a implantação da republica se encontra exilada em Londres, esperando que o seu paiz mais uma vez reclame os seus serviços.

A biographia d'este destemido official é uma pagina da historia portugueza, que para não sermos accusados de suspeitos, vamos transcrever do «Diccionario Historico e Biographico», publicado muito antes do advento da republica.

João Antonio de Azevedo Coutinho Fragoso Sequeira, capitão de fragata, nasceu em 3 de fevereiro de 1865. Tem-se distinguido muito nas campanhas d'Africa, onde, embora muito novo, conseguiu conquistar um nome glorioso. E' um dos poucos officiaes a quem foi conferido o nobre titulo de benemerito da patria, na memoravel sessão parlamentar de agosto de 1890. Um dos primeiros trabalhos, sendo ainda guarda marinha, foi a sondagem e levantamento do rio Muite, defronte da ilha de Moçambique, que mais tarde foi impresso pelo almirantado inglez, pela Sociedade de Geographia ingleza, pela de Lisboa, de Manchester, e pelo nosso ministerio da marinha.

E' longa a relação dos seus serviços em Africa, onde sempre combateu pelo prestigio do nome portuguez, mesmo á custa do seu proprio sangue, pois que já por varias vezes tem sido ferido.

Em agosto de 1885 avassalou o regulo de Sangoge; em março do anno de 1886, sendo commandante do hiate *Lurio*, dirigiu a defeza da aringa do Infusse, repelindo o ataque no fim de trez dias de lucta; fez parte da expedição dirigida contra o regulo do Mogingol, no mez d'agosto; tomou depois de 14 horas de fogo, os territorios do Chilomo, em 17 de novembro; a capital dos Makolos, em 6 de dezembro, commandando as forças portuguezas, aprisionando o chefe dos indigenas e um filho do regulo; foi o mais ousado official que Serpa Pinto encontrou a seu lado, e como premio da sua coragem e dedicação deu o nome de *Azevedo Coutinho* a uma estação ou villa que fundou na região do Chire. Tomou a serra de Mechiolo em 11 do referido mez; em 15 fez a occupação militar das terras de Masséa; no dia 19 tomou Katuga. A 10 de junho do anno de 1890 realisou a occupação completa do curso do Ruu; realisou nos dias 16, 17 e 18 do referido mez e anno, a tomada de sete povoações na serra do Mulolo; tomou nos dias 22 e 23, cinco povoações do regulo Gumbi; e já nos ultimos dias de junho fez a occupação das terras do regulo Magasan. Nenhum d'estes regulos conhecia a auctoridade portugueza desde a guerra do Massengire em 1881.

No anno de 1890, mandando o governo portuguez recolher Serpa Pinto

ao reino, em vista da suspensão de operações no Chire, que a Inglaterra exigiu por *ultimatum* de 11 de janeiro, ficou Azevedo Coutinho commandando as forças militares que ali estavam para manter a neutralidade durante as negociações com o governo inglez.

Em 17 de dezembro de 1891, o destemido official tomou e arrazou a aringa de Montondo; e no dia immediato tomou Mafundo, após um sangrento combate de 10 horas, em que ficou gravemente ferido. Ainda entrou n'outras campanhas africanas, ficando sempre victorioso.

Na expedição que sahiu de Lisboa em dezembro de 1896, foi commandar voluntariamente a companhia de guerra de marinha que combateu contra os namarraes.

Pela fórma como se houve n'esta expedição, mereceu a medalha de prata de bons serviços, por proposta de Mousinho d'Albuquerque, *«pela maneira como commandou as forças engajadas, na Naguema, Ibrahimo e Macuto-Muno, e pela boa ordem e disciplina que manteve na sua companhia»*; sendo tambem por elle proposto para governador da Zambezia, em virtude da grande confiança que n'elle tinha.

Em 1897 os primeiros assassinios nas proximidades de Sena, davam-se a 20 de maio, e a ousadia dos revoltosos era tanta, que a 25 assaltaram uma lancha que descia de Tête com material de guerra, apoderando-se proximo da ilha de Chinguingue, de duas peças Hotchkiss e municimento respectivo; mas a 29 de junho já João Coutinho sahia de Sena com uma columna de operações de 150 praças indigenas das companhias de guerra e 2:000 cipaes, irregulares da Maganja, além Chire, de Sena e de Guengue.

A 4 de julho, no ataque da aringa da Mavuca, a columna avançava sob o fogo das peças citadas, facto sem exemplo nas nossas guerras coloniaes. O proprio Chambumba e um seu genro, antigo moleque do coronel Paiva d'Andrada, serviam a bocca de fogo, e a nossa victoria teve, portanto, um effeito moral extraordinario.

A 28 de julho a columna era dissolvida, tendo arrazado e tomado 12 aringas, entrando em fogo perto de 20 vezes.

O governo da Zambezia melhorou muito com a administração de Azevedo Coutinho; e Mousinho, n'um telegramma dirigido directamente a El-Rei D. Carlos, pedia-lhe para o governador da Zambezia a commenda da Ordem da Torre e Espada. Doze dos seus amigos da Zambezia, entre os quaes se contavam quatro officaes de marinha, ali em serviço, lhe offereceram as insignias do officialato da Torre e Espada, mereç com que fôra agraciado, offerta acompanhada d'uma mensagem impressa em pergaminho, e encerrada n'uma pasta magnifica de couro da Russia, tendo em letras de ouro a seguinte dedicatória: *«A Azevedo Coutinho, 15 de março de 1902.»* A medalha era de ouro toda cravejada de brilhantes e saphiras.

No dia 19 d'abril de 1902 partiu para a Africa Oriental uma expedição, afim de fazer respeitar a nossa bandeira, submettendo o regulo do Barué, que até então zombara impunemente da soberania portugueza. Para commandar esta expedição foi escolhido Azevedo Coutinho. A fórma como este distincto official



Conselheiro Azevedo Coutinho

se houve, foi mais uma brilhante prova do seu reconhecido valor militar. N'essa expedição recebeu a medalha de ouro *Rainha D. Amelia*. No seu regresso, a Sociedade de Geographia, em sessão de 5 de janeiro de 1903, conferiu-lhe a medalha d'honra da Sociedade, a mais elevada distincção que os seus estatutos concedem *por assignalados serviços à sciencia, à nação portugueza, quando prestados em defeza dos direitos e das glorias nacionaes ou no engrandecimento material da mesma Sociedade*.

A 23 de maio do referido anno, em sessão solemne em sua homenagem, lhe foi entregue a medalha, proferindo n'essa occasião um brilhante discurso o capitão do estado maior sr. Ayres de Ornellas, pondo em relevo os gloriosos serviços prestados nas guerras africanas pelo valoroso official de marinha.

O seu relatorio sobre a campanha do Barué é um trabalho muito interessante e completo, e n'elle se descreve geographicamente a região, contendo além d'isso uma noticia historica dos povos que a habitam e noções sobre a sua raça, usos e situação politica. A segunda parte do relatorio refere-se exclusivamente ao plano da campanha.

Azevedo Coutinho tem commandado os hiates *Lurio* e *Tungue*, a lancha canhoneira *Chorin*, o vapor *Auxiliar*, esquadriha do Zambeze, transporte *Salvador Correia*, e a canhoneira *Liberal*; commandou tambem a columna de operações na Maganja da Costa.

Tem sido louvado por muitos serviços prestados em campanha.

É cavalleiro das ordens de Aviz e de Christo; official e commendador da Torre e Espada; tem a medalha de ouro de serviços no ultramar (legenda expedição guerra Chire, Mololo, Barué), 1889, 1890 e 1891; medalha de ouro do valor militar; a de ouro de valor militar pelos serviços que prestou na campanha contra Gabuema em 1897; as medalhas de prata de comportamento exemplar, da classe de bons serviços e commemorativa da expedição aos namarraes em 1896.

Sendo nomeado governador geral de Moçambique, partiu para o seu governo em 16 de janeiro de 1905.

Por occasião da visita do presidente da Republica Franceza, Mr. Loubet, a Lisboa, foi agraciado com o grau de official da Legião de Honra. Após o regicidio foi nomeado Governador Civil de Lisboa, deixando este cargo para exercer as funções de ministro da marinha. Pertence á casa militar do sr. D. Manoel.

Já agora, para rematar a sua biographia, registemos tambem um golpe de audacia na sua ultima batalha, de sahida para Vigo, escapando ás iras jacobinas, que pelos seus órgãos tentaram desvirtuar esse assombroso feito.

«A' uma hora e meia — diz Joaquim Leitão — estavamos á meza do almoço, n'uma sala reservada, do 1.º andar.

«A cara escanhoada e o bigode rapado, que lhe davam um ar de almirante inglez, desfiguravam-no tanto, que a estranheza da figura se misturava ao assombro do lance e o nosso espanto chegava a duvidar de que estivesse na verdade ali, sentado á mesma meza, o João de Azevedo Coutinho, que vinha de salvar-se de um cerco de carbonarios e de policias, de escapar á Penitenciaria ou á morte, havia apenas 24 horas.



Implicados nos levantamentos de Azoia

Condemnados a cumprir pena na Penitenciaría de Coimbra

Primeiro plano: Adriano Bernardes, Manuel Nogueira Jordão, Manuel F. Fernandes e José Antunes.

Segundo plano: Antonio João, Manuel Bernardes, José João, José G. da Conceição, Manuel Gomes Prior e Luciano Dias de Noronha.

— Acredita-se mais facilmente nas magicas e nos grandes lances lidos do que no que se passa durante a nossa vida! — exclamámos nós —. Nunca supuzemos estar hoje aqui a almoçar comsigo.

«Azevedo Coutinho encolheu duas vezes os hombros, n'um menoscabo pela sua coragem, e só disse:

— A questão é não se perder o sangue frio. Presença de espirito é tudo!

— Dou mais pela ausencia de corpo do que pela presença de espirito! — declarou alguém, do lado.

— Quando a gente se vê n'uma *rascada*, que remedio ha senão safar-se d'ela?! — continuou João Coutinho —. E' certo que me tenho visto em muitas, mas esta foi talvez a mais séria.

— E como conseguiu sair de Lisboa?

«João Coutinho ia a contar, mas nós interrompemos:

— Tenha paciencia! Conte-me primeiro como conseguiu entrar em Portuga!.

«Azevedo Coutinho sorriu como quem vae contar coisa revêlha, sem interesse, e narrou n'uma sintese:

— Na noite de 9 de outubro puz umas barbas e atravessei tranquilamente o rio Minho, não importa em que ponto. Devia entrar no Porto n'um dado dia, antes do amanhecer, mas estas coisas são sempre assim: conta-se para as duas, saem para as dez. Voltar para traz é que não voltava. Tive quem me pedisse que não fosse. Respondi apenas: *Não ha nada que me desvie d'esta viagem. Disse que ia, vou.*

— Não faltariam amigos que, se soubessem d'esse projecto, tentariam dissuadil-o.

— Pouquissima gente sabia. Eu nem a El-rei o disse! Deixei apenas duas cartas, uma para a rainha senhora D. Amelia, agradecendo-lhe o bem que sempre me tratou, e outra ao «Patrão», dizendo-lhe: «*Meu Senhor! Cà vou. Se fôr feliz, fui; se não fôr feliz, só lhe peço que se lembre que eu fui por Si e estenda essa lembrança aos meus.*» E essas cartas só seguiram ao seu destino depois de eu estar dentro do paiz. Deixei-as a minha mulher. . .

— Então ella sabia? Foi ella que o quiz demover da sua temeridade?

— Não. Minha mulher, quando eu, dias antes, estive para partir e me despedi d'ella, só disse: «*Deus te proteja, João! Vae, que vaes para o teu dever!*» Não tendo entrado d'essa vez, quando por fim ia para partir, voltei a despedir-me d'ella, nem tempo tendo para ir a casa. Esperou-me n'um automovel, na gare d'Austerlitz e, sem uma lagrima, disse-me as mesmas palavras: «*Vaes para o teu dever!*»

— Grande Senhora! grandes mulheres as mulheres portuguezas!

— Teem mais coragem as mulheres que a maior parte dos homens! Perdem a serenidade facilmente os homens. A mim, o que me tem valido, em toda a minha vida, é a serenidade. Quando em Africa fui chamuscado de polvora n'esta mão, e estive em risco de ser apanhado pelos pretos, o que me valeu? Sangue frio. Quando uma *manga* de pretos me atacou, e a força se ia começando a desmoralisar, eu, sem querer saber das azagaiadas, nem do numero nem do avanço do inimigo, mandei cessar fogo, formar, braço armas, e depois de passar, a ca-



Cathedral da Guarda

(A arte nos tempos romanos)

(Gênesis 2. Goma)

vallo, revista ás tropas, é que tornei a organizar a resistencia. Os meus homens choravam de entusiasmo, dando-me vivas.

— Imagino!

— O soldado o que quer vêr é serenidade e justiça. Como exemplo de justiça, lembro-me de uma scena passada commigo em Africa. Durante um combate, eu trepára para um carro de munições e estava a seguir a acção quando vi que uma praça recuava. Dei-lhe uma picada com a espada, gritando-lhe: «Cobarde!» Só depois vim a saber que o homem recuava, porque uma bala o empurrára para a retaguarda. Estava ferido. Acabado o combate, mandei formar, chamei-o á frente das tropas e pedi-lhe desculpa: «*Não sabia que estavas ferido. Desculpa, rapaz! Se eu soubesse que tinhas sido ferido, não te chamava cobarde, tinha-te chamado heroe.*» E apertei-lhe a mão. As praças choravam e tirando os bonés, gritavam: «*Viva o nosso commandante!*» O papel do homem de acção é ir para a frente. Quando não fôr por mais nada, vae por si, os outros seguem-no. Nem todos teem obrigação de ser serenos, mas todos soffrem a sugestão do exemplo e da serenidade.

— D'esta vez não sei como a não perdeu.

— Nunca! Estive no Porto e na noite em que resolvi ir para Lisboa parti no comboio-correio.

— O *Mundo* diz que o governo soubera antecipadamente da sua estada no Porto e do comboio em que havia de partir para Lisboa.

— Deixe dizer. Sabem-no agora. Antes não sabiam nada ou quasi nada. Eu que venho de atravessar isto tudo não acredito no romance folhetim da traição e dos punhaes. Alguem que me acompanhou durante um trecho da minha jornada, disse-me a certa altura: «*Eu poderei trair toda a gente; a si nunca o trairia pela coragem que demonstrou em vir commigo.*»

— Mas quem diz isso . . .

— Não é traidor. E' apenas um homem que armou em dedicação por mim. Outro qualquer não se afoitava a ir em semelhante companhia; eu fui. Depois de eu estar *enrascado* não digo que elle não contasse, então, os pormenores; antes, não. Se a policia soubesse onde eu estava, não esperaria um minuto: prendia-me. Deixe-me dizer-lhe mais: ainda hoje andam ás aranhas.

— Desembarcou em Santarem?

— Não, senhor.

— O *Mundo* di-lo, e cito-lhe sempre o *Mundo* porque, órgão ministerial, deve estar n'este caso melhor informado que qualquer outro.

— Informaram-no mal; os *reporters* do *Mundo* podem ser bons, a policia da Republica lhe asseguro que não dá para *reportagem*. Propuzeram-me saltar em Campolide. Qual Campolide! Saio lá em Campolide! Em Campolide não desembarcava ninguém. Deixe cá. E fui apear-me em Villa Franca. Arranjou-se um automovel, e lá fui. A primeira coisa que fiz quando cheguei ao automovel foi dormir. Perdemo-nos na circumvalação, gastámos imenso tempo, e, por fim, chegámos ás «Portas». D'aquella é que eu não me lembrava. Quando vi os guardas fiscaes encaminharem-se para o automovel, passei as chaves das malas á pessoa que ia commigo, atirei-me abaixo do carro e fui. . . voltar-me para a parede da



Padre Antonio José Martins de Oliveira

Preso em 21 de julho de 1912 nas proximidades de Vieira, por haver indícios de que incitava os povos a sublevarem-se contra as instituições na ocasião da incursão, foi submettido a constantes interrogatorios, sendo afinal pronunciado e julgado no tribunal de guerra de Cabeceiras de Basto em 24 d'agosto do mesmo anno, de que resultou a sentença de 6 annos de prisão seguidos de 10 de degredo na alternativa de 20.

E' filho de Domingos Martins de Oliveira e Josephina de Jesus Menezes, natural da freguezia de Pinheiro, do concelho de Vieira. Fez todo o curso ecclesiastico no Seminario de Braga, tendo desde os primeiros annos do curso theologico exercido a prefectura no Collegio de S. Thomaz de Aquino da mesma cidade.

Encontra-se na Penitenciaria de Coimbra, cumprindo a pena.

estrada. Muito providentemente não levava nas malas — nem comigo — um unico papel, apenas cartões de visita da minha emprestada identidade: *Monsieur Legarde*. Os guardas fiscaes passaram revista ao carro, e quando bateram a portinhola do lado direito eu entrei pela esquerda; elles iam a meter o nariz, mas o automovel abalou. Entrei em Lisboa.

— Passou mesmo na Baixa?

— Passei duas vezes ao Chiado.

— Que horas eram?

— Nove e meia ou dez horas da manhã.

— E' fantastico de atrevimento!

João d'Azevedo Coutinho encolheu os hombros, espadanou o ar com o bôrdô da mão, como quem vae tapar os ouvidos a absurdos louvores, e proseguiu:

— Não se tratava de atrevimento, tratava-se de ir para a frente.

— Quanta gente daria metade da alma para o vêr! Agora não, mas mais tarde hão de apparecer milhares de pessoas a dizer que o viram e lhe fallaram.

— Metade da alma talvez ouvesse quem dêsse, do corpo é que poucos dariam... Em todo o caso, encontram-se sempre dedicações cá n'este mundo, e effectivamente o difficil foi furta-me ás visitas, a amizades e tambem um pouco a ancia com que a alma humana apetece o mysterio. Se me deixo adormecer á sombra das effluções, estava perdido. E algum perigo que corri foi por me demorar, d'uma vez, mais que uma noite no mesmo local. O homem que me affirmára ser *incapaz de me trair* dormia vestido n'um sofá, e ao menor ruido estava de pé, de pistola em punho. Achei pistola de mais, e de certa data em deante troquei-lhe as voltas e elle perdeu-me o rasto. Eu não confiava a minha liberdade e a minha vida a ninguem e devo-as a mim proprio e só a mim.

— Houve um momento — segundo declaram os jornaes — em que um automovel corria em sua perseguição, não lhe deitando a mão porque o seu automovel era de maior força.

— Pudera! Era um «Renault» e ia nas horas... Fizeram-me duas esperas, escapei de todas, mercê de Deus!

— Mas porque não safu de Lisboa logo que se viu descoberto?

— Porque ainda esperava ser preciso. Se houvesse uma revolução, os que arriscassem a vida haviam de vêr-me ao lado d'elles. Cheguei a estar fardado, condecorações, cordões de ajudante. Antes safra á paizana e vi que estava, com effeito, tudo descoberto, tudo cercado. Mas assim mesmo tardei-me, mandei chamar um automovel, disposto a atirar-me. Tinha quem me acompanhasse, mas o automovel não veiu, e a prova de que o movimento abortára tambem não tardou.

— Houve ou não houve uma tentativa de revolução que foi suffocada?

— Não, senhor. O governo recebeu umas communações ás 6 horas da tarde de 20 de outubro; portanto, o que houve foi uma acção impedida, abortada, malograda pelo conhecimento prévio, nas regiões officiaes, do que se ia passar.

— Porque não pensou, então, em si?

— Porque não queria faltar, porque queria estar até á ultima, e nem por



Capitão Mario de Sousa Dias

mêro acaso deixar de cumprir o meu dever. Não queria abandonar o meu posto nem os que, pelo meu nome, porventura ainda quizessem vir a atirar-se para um supremo desespero. Bem sabia que era por então inútil, mas fiquei até ao ultimo desengano. Foram noites agitadas; sempre á espera de um cêrco, de uma luta, do imprevisito, quasi que não tendo dormido nos quinze dias e quinze noites que estive em Portugal. Mas se eu lhe pudesse dizer os nomes das pessoas que me viram n'esses lances, ellas lhe comprovariam que sempre estive lá com a mesma serenidade que estou agora aqui a fallar-lhe. A minha liberdade explica-se por essa serenidade, que me permittiu andar por Lisboa, só de dia. Compreende, de noite, depois d'essas seis horas da tarde, é que redobra a vigilancia. De noite, tudo é suspeito, tudo é exaggerado, tudo é espiado. De dia, n'uma cidade como Lisboa, passa-se melhor. E para mudar de casa — porque eu não corri meia duzia, corri meio cento — punha o nariz, colava a tal pèra, metia-me n'um auto-movel e saía.

— Esteve n'alguma casa da rua das Chagas?

— Não é verdade.

— Diz-se que chegou a ir á feira de Agosto?

— Não entrei, mas passei lá uma noite. Depois arranjei outra cara: tirei a barba e a pèra e arranjei uns «matacões». Então lá ficava mais mudado, mas pouco. Comtudo, sempre era um disfarce.

— Ainda assim! . . .

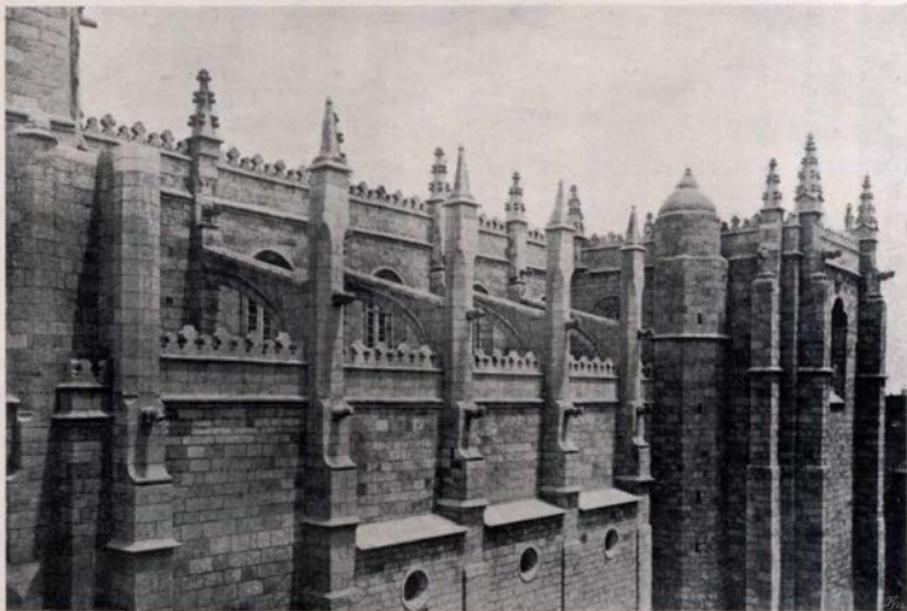
— Que remedio havia senão andar para deante; eu não havia de andar por baixo do chão, não tinha *metropolitanos* nem aeronaves, pois não? Então, o remedio era andar pela rua. Uma noite, a dedicação de um simples, que nunca mais em minha vida esquecerei, dizia-me, apontando para um arsenal de carabinas e de pistolas que tinha a um canto da buraca onde eu me refugiára: «*Senhor conselheiro! aqui ninguem vem. Quem vier leva com essa metralha toda que está ahí encostada á pedra da janella. Despeja-se-lhe tudo ao mesmo tempo!*» — «*Mas com que mãos, homem?*» — perguntava-lhe eu. — «*E' verdade!*» — reconhecia o homem, desolado de não haver mãos para despechar ao mesmo tempo o seu ingenuo arsenal. Mas tornava logo: — «*Pois sim, mas no sr. conselheiro ninguem toca emquanto eu tiver vida!*» — E já esquecido de que havia menos mãos do que coronhas, repetia: «*Despecha-se aquillo tudo!*» Coitado, estava um pouco desorientado, mas decidido, sem medo, e disposto a dar a vida por mim. Por vontade d'elle, eu não saía mais d'alli. Mas lá ser apanhado n'uma ratoeira é que eu não queria. E tornando a bezuntar-me de verniz, appliquei os «matacões» e sahi.

— Sabe que foi preso o dr. Carvalho Monteiro?

— Elle justifica-se facilmente, e não podem deixar de o soltar. Foi um simples boato, sem fundamento.

— Como se decidiu a sahir de Lisboa?

— Decidi-me a sahir por isto: um criado, que me servia, ouviu dizer n'um electrico: «*A casa onde fôr encontrado o João Coutinho vae pelo ar com dinamite!*» O criado chegou a casa e adoeceu de pavor. Eu mesmo estando n'uma sala, ouvi dizer n'uma sala contigua a alguém que mal pensava que eu estivesse



Sé da Guarda
(Fachada Sul)

Cidade de Coimbra 2.ª Gravação

alli: «*Dizem que a policia dá quinhentos contos a quem entregar o João Coutinho vivo ou morto!*» E isto ouvia-se nas ruas, nos electricos, a pessoas apavoradas, acreditando na *ballela* dos 500 contos. Eu encontrava, com certeza, dedicações para me guardarem nas suas casas, mas um criado podia, ao bater alguém á porta, denunciar-me pelo proprio pavor, com uma d'essas escorregadelas que saem pela bocca fóra ás pessoas alucinadas de medo: por exemplo, antes de lhe perguntarem nada, dizer: «*O sr. João Coutinho não está cá em casa!*» ou outra tolice assim e ahi estava eu estupidamente preso.

A policia decerto nem offereceu nem dava quinhentos contos, mas o boato do premio podia suggestionar alguém, a policia não dava os quinhentos contos, mas a mim ninguem me restituia a vida. Lá expôr a vida utilmente, tenho-a exposto muita vez e torna-la-hei a expôr quando fôr preciso. Ser assassinado como um rato, não estou disposto a se-lo. E não era só de mim que se tratava, mas dos outros, dos que me dessem asilo. Continuar em Lisboa era comprometter gente. Não tinha o direito de estar a comprometter ninguem. Tornava-se forçoso acabar com aquella situação. Estava quasi abandonado dos homens, mas não de Deus nem da alma das mulheres portuguezas. Uma senhora estava prompta a sacrificar-se, não queria que eu me expozesse a sahir, mas eu resolvera sahir de Lisboa, e nos momentos graves só eu sou juiz da situação. Todos os alvitres e promessas que me faziam eram os mais complicados, os mais impraticaveis e se eu me puzesse á espera de os pôr em pratica, ainda hoje a minha liberdade estava á mercê da policia, dos civicos e dos carbonarios de Lisboa.

— Então...?

— Vi-me com uns rapazes de 21 annos e umas senhoras. Muito trémula, aterrada á idéa de que me matavam, mas firme e corajosa, uma d'essas senhoras pedia-me que ficasse. «*Pois como quer sahir d'aqui? Olhe que elles matam-o!*» — dizia ella.

— E como sahiu? A que horas?

— De dia.

— De dia?!

— Oh! senhores! o raciocinio é para toda a humanidade o mesmo: os que quizessem preparar a fuga, raciocinariam: — «*Elle de dia não pôe o nariz de fóra. Guardemos as embocaduras das ruas e as casas dos thalassas, que uma noite d'estas a gente apa'ha-o a escapulir-se, embuçado, cozido com as paredes...*» Qual de noite, nem qual carapuça! Toda a gente me procura de noite, eu saio de dia. De noite não escapo; de dia ha muitas probabilidades de me salvar.

— E' preciso ter muita confiança nos nervos!

— O medo mata mais gente do que as balas. Resolvido a sahir de dia, pensei no modo de o realisar. Chovia. Contava que o dia immediato fosse um dia de temporal; e, então, de impermeavel, de «matações», o capuz para cima, um guarda-chuva aberto, encobriendo a cara, para a direita, para a esquerda, eu havia de passar. Estava tudo bem engendrado, se o dia de sexta-feira, 23 de outubro, não amanhecesse com um d'aquelles sóes e aquelles céus azues que só ha em Lisboa. Compromettido o impermeavel, o capuz e o guarda-chuva.

Ora se eu me não resignava a esperar que os outros me fossem pôr a sal-

vamento, tambem não havia de ficar alli a rezar o *Ad petendem pluvium*, á espera do dia de chuva que entrára no meu plano de vespera. Ou se é revolucionario e soldado, ou se não é: a maior parte das coisas e dos homens perdem-se pela escraavidão a um plano preconcebido. Se lhes não sae a coisa como a talharam, desorientam-se. Isto a gente arranja-se conforme pôde e aceita sem vacilar os contratempos que vierem. Conteí com chuva, veiu sol; vou da mesma maneira para a rua, e para a liberdade.

— O general Prim, como sabe, antes de sublevar os regimentos de cavallaria *Calatrava* e *Bailen*, esteve varias vezes fardado e prompto em varios pontos de Hespanha, chamado pelas respectivas guarnições. A' ultima hora, 30, 60 minutos antes da hora marcada para a insurreição, os officiaes que n'esse mesmo dia lhe haviam ido pessoalmente confirmar a adhesão e abraça-lo enthusiasmados, mandavam-lhe um bilhetinho ou um recado dizendo que «tinham muita pena, mas que ficava para outra occasião».

O Prim despia a farda e vestia-se de carreiro, palmilhando as estradas hespanholas á frente de carros de bois. Assim escapou cinco ou seis vezes á policia, com este e outros disfarces, antes de derrubar Izabel. No dia de *Villarejo*, o general Prim e Pavia chegaram a *Villarejo* disfarçados de caçadores. O sr. João Chagas e o actor Verdial fugiram do degredo dentro d'uma caixa.

— Era o que me faltava! Para a alfandega de Lisboa me tomar por alguma nova caravela! Nada! Mais simplicidade. Deitei a tesoura ao bigode, barbeei-me, puz uns oculos, vesti este *Knickerbocker* que mal me serve, puz um d'esses chapéus redondos e de panno que estão para os inglezes colossaes como os gigantes britannicos estão para a estatura dos Alpes, um chapelinho muito ridiculo, de viajante do *Cook*, e mandei pedir a uma senhora ingleza se me acompanhava, só para eu poder, conversando em inglez com ella, contrascenar o meu papel. A



**Manuel da Silva Pereira
de Vasconcellos**

Casado, natural de Braga, de 40 annos, proprietario e industrial de tecidos de seda. Preso em Arcos de Val-de-Vez a 20 de junho de 1911, ficou 10 dias incommunicavel com sentinella á vista, sendo a 11 de julho transferido para Vianna do Castello e no dia seguinte para Lisboa, onde esteve 6 dias, regressando novamente aos Arcos aonde esteve 8 dias na cadeia da comarca, sendo posto em liberdade sob fiança. Sendo depois ouvidas mais testemunhas, foi pronunciado como contrabandista de guerra; mas prevenido a tempo, emigrou, aiç que respondeu á revelia, sendo condemnado por falta de licença d'uso e porte d'armas e em 90 dias de prisão.

pobre senhora, muito religiosa, respondeu: «*Eu estou prompta, mas não me diga nada, não me conte nada, para eu se fôr presa, poder dizer que nada sei, porque eu mentir não mintu.*»

— Sabe que foi preso o Mangualde?

— Pobre Fernando!

— E o Seabra de Lacerda.

— Coitadinho! — exclamou, impressionado.

— E depois . . .

— Depois, tomei um automovel que me levou ao Caes do Sodré. Era meio dia e vinte minutos quando me puz a caminho para esse lance em que arriscava o todo pelo todo. Cheguei ao Caes do Sodré, fui eu mesmo ao «guichet» da Parceria comprar um bilhete para o vaporsito que transporta os passageiros para bordo dos paquetes, atravesssei um vapor de Cacilhas, cheio de gente, e sempre a fallar inglez, e perguntar os nomes dos monumentos que alvejam pela colina; muito direito, passei para a lancha a vapor que estava encostada ao vapor da Parceria. Passei por duas praças de marinha e ahi é que não fiquei muito contente, mas segui sereno e alheio, muito senhor do meu papel.

— E' espantoso! o Mangualde e o Ferreira de Mesquita presos no Porto, onde ninguem os conhece, e estranho, mas ainda se pode aceitar a explicação official, sabido que o commissario do Porto é talvez o mais habil funcionario da Republica: na casa onde elles estavam, entravam e sahiam vultos suspeitos. Sem essa imprudencia e com outra policia, o conde de Mangualde e o Ferreira de Mesquita deviam passar despercebidos no Porto. Mas o João Coutinho, cercado, vigiado, espiado, denunciado, com a policia e todas as auctoridades á perna, sahir de dia, ir ao Caes do Sodré, ao embarcadouro de Cacilhas e salvar-se, escapar, um homem que Lisboa inteira conhece, que não ha policia que o não conheça de antigo governador civil da capital, que não ha ninguem que o não tenha visto á janella do *Turf*, em *S. Carlos*, no parlamento, na bancada ministerial, nos touros, na rua, á paisana, fardado, que é conhecido ao longe, pelo torax e pelo andar, é um verdadeiro assombro.

— Meu amigo! eu fiz o que pude. Deus fez o resto. O vaporsito demorou bocado a levantar ferro e eu sempre a voltar-me para a casaria que marinha a encosta e a perguntar: «*O que é aquelle palacio? E aquella torre? E aquelle arvoredos?*» Comprei flôres no molhe dos passageiros, representei o melhor que pude o meu papel. O vaporsito alou e eu atravez um exame de passageiros passei para bordo do *Drina* e metti-me n'uma cabine de banho. Fechei-me por dentro e esperei. Estive lá quatro horas. Passadas essas quatro horas, olhei, estava na Barra. Ia para sahir, mas achei melhor deixar descer o piloto. O barco dos pilotos ainda alli estava, nada. «*Foi embarcação que nunca commandei!*» E esperei mais um bocado. O piloto sahiu e eu appareci. Chamei um criado e disse-lhe: «*Quero uma cabine de 1.^a classe. — Mas onde estava o senhor?*» — perguntou o criado, olhando-me esgazado. — «*Na cabine do banho.*»

«Houve um momento de espanto, e quando eu expliquei o caso ao commandante, toda a gente que ia a bordo, especialmente os passageiros inglezes, todos me abraçaram, tratando-me a Champagne, aclamando a minha sahida. O inglez

gosta d'estas coisas! No Cabo da Roca dei o radiotelegramma para Vigo. E olhe que tive a força de vontade de não telegraphar a minha mulher.

— Sabe que a imaginativa popular já vê nas aguas do Tejo navios fantasmias para o raptar á policia e á carbonaria?

— Devo a minha liberdade a mim e a poucas pessoas mais. Propriamente na fuga só me auxiliou essa senhora estrangeira e um homem, estrangeiro tambem, que me prestou apenas este serviço: ir adeante e acenar-me com a cabeça se sim ou não podia passar. Se eu estivesse á espera de que me planeassem a fuga, a estas horas ainda lá estava agachado, e se me entregasse nos planos prudentes que me haviam de propôr, era agarrado mal puzesse o pé na rua. Nada! Ao meio dia, Caes do Sodré. O governo fechou-me todas as portas, supondo que eu ia justamente escolher o caminho mais comprido, para me safar: o Alemejo, os caminhos de ferro, o norte, o diabo! Só se eu fosse tolo. Pois eu tinha allí o caes e ao pé do caes um paquete da Mala Real, e havia de andar a voltas para cahir nas mãos de um civico?!

— Esse meio era effectivamente o mais simples; mas para adoptar era preciso em primeiro logar contar com a serenidade.

— Olhe, Joaquim Leitão! o metter-me em Portugal e o sahir de lá não foi a maior prova de coragem e de serenidade que dei. A minha força de vontade e o meu sangue frio provei-os quando vi tudo... comprometido e nem sequer me passou pela cabeça dar um tiro na cabeça, e, quando me vi salvo, me contive e não radiografei a minha mulher, guardando-lhe para o dia de hoje, anniversario d'ella, a noticia.»



General Pimentel Pinto

Victimado pela diabetes agravada ultimamente com um ataque de albuminuria, falleceu no dia 7 de junho o sr. general Luiz Augusto Pimentel Pinto, antigo ministro da guerra, par do reino, conselheiro de Estado e uma das figuras que maior prestigio alcançou no seu paiz.

Encontrava-se o nosso exercito, em 1893, n'uma tremenda crise de decadencia material e moral, quando Hintze Ribeiro convidou pela primeira vez, o então coronel de cavallaria, director da administração militar, para exercer o cargo de chefe do exercito. Durante a sua gerencia, que durou uns tres annos, foi tal o prestigio que conquistou com as medidas postas em execução, que n'essa occasião Pimentel Pinto ficou sendo o homem do dia.

E' missão muito difficil synthetisar n'um artigo toda a grande obra patriotica do illustre official extinto, que marcou nas instituições militares de Portugal

um verdadeiro periodo de renascença. E' procurar ao acaso em todos os estabelecimentos militares onde esteja vinculado um progresso, um simples melhoramento, e lá se encontram assignalados vestigios da passagem do illustre official pela pasta da guerra.

Pimentel Pinto tinha o perfeito coração do homem do governo e uma firmeza inabalavel em todas as suas resoluções. Quando no cerebro lhe germinasse uma ideia que elle supunha que devia contribuir para os progressos da defeza do paiz, era d'uma persistencia irresistivel. Assim, de todos os factos conhecidos da sua vida publica, o que define melhor o seu temperamento e grandeza de animo de ardente patriota é o que se passou na adopção da polvora sem fumo no exercito portuguez.

Por essa occasião teve de lutar, tenazmente, contra a commissão balistica que se opunha á adopção da polvora Barreto; até que por fim, em face de experiencias decisivas, o ministro determinou que a fabrica de Chellas produzisse o explosivo adoptado nas espingardas de infantaria. Tambem procurou libertar o paiz do estrangeiro, mandando construir a fabrica de material de guerra em Braço de Prata, estabelecimento modelar e que produz todos os projecteis necessarios para o material de tiro rapido Schneider e as granadas para os exercicios com as peças adoptadas na marinha de guerra.

O desditoso official ha pouco fallecido era possuidor dos conhecimentos geraes que tem toda a pessoa bem educada, conhecia bem os homens e as coisas que lhe é util conhecer. Pimentel Pinto entrou pela primeira vez para o ministerio da guerra e dedicou-se ao aperfeiçoamento do exercito, rodeando-se de homens de valor em todas as armas, taes como João Eduardo Vieira, Renato Baptista, Alberto d'Oliveira, Eduardo Pellen, Dantas Baracho, Eugenio Alves, Honorato de Mendonça, Lamare, etc., soube crear uma situação dominadora e marcar um verdadeiro periodo de renascença, deixando a desafiar os seculos obras de um grande reformador. E, assim, das suas obras, de entre tantas grandiosas, sobressahem a Manutenção Militar, o Deposito Central de Fardamentos, o internato da Escola de Guerra, as escolas praticas das armas, a realização das manobras de outomno, a fundação dos estabelecimentos fabris para munições de infantaria e de artilheria, livrando assim o paiz de ser tributario do estrangeiro; a aquisição de 100:000 espingardas Mauser-Vergueiro, para a infantaria, de 36 baterias Canet, para artilheria, de metralhadoras Maxim, de material de engenharia e de serviço de subsistencias.

Como parlamentar, Pimentel Pinto foi um adversario vigoroso no ataque e por vezes fulgurante na replica. O seu ultimo discurso, vehemente e sensacional, foi na camara dos pares, n'um ataque feito ao sr. Ferreira do Amaral, quando presidente do conselho.

As suas obras com o fim do levantamento moral do exercito foram tambem numerosissimas, taes como: a criação do curso do Estado Maior, por meio do quadro aberto a todas as armas; a garantia de preparação nos altos commandos; tentativa para estabelecer a unidade de origem no recrutamento das officinas de todas as armas; desenvolvimento do Collegio Militar; realização das manobras militares, leis de recrutamento e de justiça militar. Fundou o Centro Nacional de



General Pimentel Pinto

Esgima, teve a iniciativa das exposições hýpicas para estimular os creadores de cavallos para o exercito e a da creação do Museu de Artilheria, bem como da grande Cooperativa Militar. Uma das coróas de gloria do malogrado estadista foi a organisação das expedições ao ultramar, especialmente a de 1895, commandada por Galhardo e que alcançou um exito tão retumbante a seguir á prisáo do Gungunhana. O prestigioso militar tinha uma unica preocupação em toda a sua vida atribulada e cheia de difficuldades: «Deixar um nome limpo a seus filhos.» Este homem que firmou tantos contractos n'este paiz, que foi um dos homens do Credito Predial, tão vilmente calumniado, morreu pobrissimo. Honra á sua memoria! O destino, que tão cruel foi para com a sua existencia, não lhe poupou o desgosto de ver morrer uma filha estremecida, o que mais lhe abalou a vida, e no momento derradeiro, com uma grandeza d'animo, de homens de outras eras, despede-se da familia, a quem declara: «Está terminada a grande batalha da vida.»

E n'essa batalha fôra uma figura de extraordinario relevo que desaparece das instituições militares, que elle tanto procurou engrandecer. O seu funeral foi um verdadeiro preito de homenagem prestado pelos seus numerosos amigos e admiradores.

O finado foi um fiel servidor das instituições monarchicas, amigo dedicado de D. Carlos que depositava n'elle a maxima confiança e lhe tributava a maior consideração.

O Senhor D. Manuel de Bragança fez-se representar no funeral pelo sr. conde de Tarouca e enviou ao filho do extincto o seguinte telegramma: «Sentidissimo com a morte de seu pae, um saudoso amigo, envio os mais sinceros pezames.»

A Senhora D. Amelia enviou tambem ao sr. Luiz Pimentel Pinto o seguinte telegramma: «Consternada choro o amigo fiel e dedicado; a sua mãe, irmãs e a si a mais dolorosa sympathia.»

(*Brazil-Portugal*, n.º 346.)

C. S.

Luiz Augusto Pimentel Pinto, nasceu em Chaves a 6 de março de 1843; frequentou o Real Collegio Militar, onde se fez logo notar pela sua energia e saber concluindo o curso com distincção. Assentou praça em cavallaria 2, lanceiros da Rainha, concluindo o curso de cavallaria na Escola do Exercito em 1860, sendo Director o Tenente-General Marquez de Sá da Bandeira.

Hintze Ribeiro offerece-lhe uma candidatura por Angra do Heroismo, vindo pela primeira vez á Camara em 1890.

Foi ministro da Guerra em 1893, 1900 e 1906.

A sua fervorosa dedicação ao regimen monarchico, a sua lealdade para com todos que com elle tratavam, a sua força de vontade e energia, crearam-lhe um lugar de destaque na politica e no meio social do nosso paiz.

Estando em Vidago no momento em que rebentou a revolução, impedido

pela distancia de defender em Lisboa a causa monarchica, segue immediatamente para o Porto apresentando-se no Quartel General da Divisão. E' cêdo para se fazer a historia do que allí se passou.

Preso por elementos civis já depois das auctoridades haverem consentido, contra sua vontade e contra o seu conselho, na proclamação da republica no Porto, regressa em 7 d'outubro a Lisboa, pede immediatamente a reforma, retira-se á vida privada, occupando-se sómente da direcção do Instituto D. Affonso, onde a ingratidão dos homens tambem o vae perseguir.

Em 7 de junho de 1913, morre pobrissimo, tendo occupado as mais altas funcções publicas do seu paiz, e intervindo em contractos de milhares de contos de réis de fornecimentos para o exercito.

Ao implantar-se a republica, era Presidente da Camara dos Pares, Par do Reino (Carta regia de 4 de maio de 1896); do Conselho de Sua Magestade; Conselheiro d'Estado Honorario; General de Divisão de Cavallaria; Ajudante de Campo Honorario de Sua Magestade El-Rei; Commandante da Escola do Exercito; Gran-Cruz por serviços distinctos, da Real Ordem Militar de S. Bento de Aviz; possuindo ainda as Gran-Cruzes da Agua Vermelha da Allemanha; de S. Mauricio e S. Lazaro d'Italia; de merito militar, de Carlos III e de Affonso XII d'Hispanha, e a de Santa Anna da Russia.



Capitão Mario de Sousa Dias

A mensagem que lhe foi offerecida por occasião do seu regresso d'Africa, d'onde recortamos alguns trechos que seguem, e que é subscripta por toda a officialidade do regimento de infantaria 12, do commando da brigada, da secção fiscal e do districto de reserva, syntetisa o merito d'este official, que se encontra exilado, e accusado de tomar parte na incursão de Chaves:

«Esta mensagem, que um grupo de camaradas e admiradores vossos assigna, não é d'elles: é a voz da patria que, penetrando os reconcados dos Herminios, devia chegar á Africa, até vós, passando os climas e os mares, sem perder uma particula de calor, um grau de sinceridade.

Essa voz, capitão, deveis sentil-a ahí, porque, a voz da patria, é como a voz da immensidade; em qualquer parte onde o cidadão se encontre puro, lá encontrará a patria que o chame, que o premeie e abrace.

A voz da patria tem quasi a grandeza e a omnipotencia da palavra divina: não pode a distancia amortecel-a, não pode a modestia recusal-a; e, se não tem um ceu de venturas para felicitar os seus eleitos, possui o Olympo da historia de onde não pôde sahir-se.

Não é um calculo de lisonja, nem uma hyperbole admirativa que pretende abrir-vos a porta da Historia, d'essa historia onde viveis desde o combate de Mufio.

Não, não é.

Esta mensagem é mais um cumprimento da patria que não podeis declinar, attendendo á nobreza da sua origem.

A patria que vol-a envia, é uma entidade abstracta que a tradição nos enthronisou na alma e que vamos alimentando no calor fortificante de um civismo puro, de uma dignidade sublimada.

A patria, não tendo existencia objectiva no mundo da visualidade physica, mas sendo uma ideia que á força de amor e carinho se vae personificando, assume as proporções de uma entidade suprema.

Não soffre o tempo e o espaço — soffre apenas a vontade do cidadão.

Um povo pôde leval-a consigo como os barbaros medievaes, pôde transplantal-a como os phenicios do mundo antigo, pôde engrandecel-a e dilatal-a como os descendentes de Romulo, e pôde ainda limital-a a um canto de territorio como os portugalenses do seculo XII — sem que por isso perca a energia da sua vitalidade e a força moral da sua tradição.

A patria é para o povo o que a alma é para um individuo: a patria existe toda inteira no seu povo e em cada um dos seus filhos.

As patrias são como as almas: ha espiritos de pygmeus em corpos de gigantes, e ha espiritos de heroes em corpos de pygmeus.

Não ha relação intima entre a grandeza da patria e a extensão do territorio, como a não ha entre o corpo e o espirito do homem.

A patria tem apenas relação com o povo e com o cidadão, onde vive inteira, superior e intangível a qualquer acção estranha.

Só o povo a que pertença pode tocal-a, transformal-a e morrer com ella. Para que ella habite e vivifique o intimo do cidadão, é preciso que elle lhe não recuse o alimento espirital da dignidade e do character, porque um povo que se abastarda e morre, como o povo da Babylonia, deixa tambem morrer a patria á mingua de alimento apropriado.

Pelo contrario se o cidadão se exalta e evoluciona, a patria dignifica-se e evoluciona tambem.

Se nos tempos da civilização christã, um cidadão — o mais heroico — dissesse como Scipião Africano: «Ingrata patria, não possuirás meus ossos», esse cidadão seria amarrado perpetuamente ao pelourinho da Historia.

Faltem embora os louvores dos homens, as glorificações materiaes do premio, as veneras doiradas dos codigos honorificos: o heroe verdadeiro, o cidadão puro, é o que repudia a phrase de Scipião para dizer como Camões, na visão da patria que lhe impedia indulgencia para os contemporaneos:

Patria, patria, tu não tiveste culpa . . .

Se a heroicidade fosse uma obra, o resultado da esperança no premio e na justiça dos homens, se o desprezo da vida fosse um impulso calculista, maiores

heroes seriam os filhos das nações mais ricas que os accumulam de premios e honras.

Mas, não.

Heroicidade, capitão, é tomar no accesso da lucta, no combate de Mufilo, um banho do proprio sangue, e fugir ao repouso da ambulancia, para retomar o posto!

Heroicidade, é desprezar a doença, olvidar o sangue perdido, para entrar em todos os combates e ficar sósinho no Cuamato Pequeno, commandando a 14.^a companhia indigena, com as trincheiras de Mogogo mal esboçadas, cercada de gentio revoltado, emquanto o grosso da columna ia tomar o Cuamato Grande!

Heroicidade, é vêr retirar para os carinhos da patria e das familias os bravos companheiros da lucta, ficando vós no Damequero, activando os trabalhos do forte, emquanto os medicos e os camaradas de guerra vos lembravam o direito de retirar para o reino.

Mas, basta! Nós não temos a pretensão de escrever a vossa historia, nem de perpetuar o vosso nome. Mas, já que esta mensagem não pôde ser um titulo de glorificação, nem um premio do vosso grande valor, podemos assegurar-vos que ella traduz os sentimentos da patria reconhecida e a admiracão dos vossos camaradas.»

Guarda, junho de 1908.

(Seguem as assignaturas.)



Sé da Guarda

Cliché de Ernesto J. Gomes

(Entrada d'uma das capellas)

Tenente Alfredo A. dos Santos Farias

Conhecemos-o desde as primeiras bancadas do Lyceu da Guarda, onde o tivemos por condiscipulo no primeiro anno, quando Portugal foi sacudido com o *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890; teria então treze annos; e ahí tirou as cadeiras necessarias para se matricular no 1.º anno do curso Industrial e Commercial, dando depois entrada na Escola do Exercito, como aspirante a official da administração militar, sendo ao tempo da sua sahida para o exilio, tenente do Secretariado Militar em serviço no Ministerio da Guerra.

Tendo attrahido as suspeitas de que trabalhava com outros elementos para a restauração monarchica, vendo-se perseguido por *carbonarios* que lhe seguiam os passos, rondavam a porta, e lhe dirigiam ameaças em cartas anonymas, ao mesmo tempo que solicitavam do ministro da guerra a sua prisão e demissão, sahio a 28 de maio de 1912 com mais cinco officiaes para a Galiza, reclamados pelos seus camaradas das hostes realistas.

Ali prestou os maiores serviços á causa, até que após o desastre de Chaves, foi preso com centenas de emigrados combatentes, e levado para terras de Cuenca comendo o rancho que o governo hespanhol por caridade lhe offerencia.

Encontra-se actualmente em Londres, onde continua a prestar serviços á causa; e um d'elles foi o de esbofetear um carvoeiro, perdão, um carbonario que tirava um curso de engenharia, no momento em que pretendia contradizer a Duzqueza de Bedford, sobre a situação dos presos politicos portuguezes, thema que se ventilava n'um *meeting* presidido por ella, merecendo o facto a approvação de centenas de inglezes.

E' casado com a senhora D. Maria do Carmo Vasconcellos Farias, a virtuosa e estremosa esposa que não podendo supportar por mais tempo a ausencia de seu marido, não podendo resistir a uma terna saudade, depois de 18 mezes de separação, segue em dezembro de 1913 para Londres, a participar com seu marido das agruras do exilio.

Alfredo Farias, a quem nos prende uma verdadeira amizade, cimentada pelos soffrimentos e desgostos communs em pról da mesma causa, sem ter um momento sequer de desalento ou de arrependimento, perdidos os galões que com trabalho conquistára, lá se encontra na capital ingleza luctando pela vida, como professor particular.



Tenente Alfredo dos Santos Farias
(Do secretariado militar)

Tenente José Bruno de Cabedo

Uma vida que não tendo feitos brilhantes, é contudo limpa e honrada, o que tem bastante valor n'uma época em que as qualidades predominantes são a cobardia e a falta de caracter.

Cumprindo o juramento que fizera sobre a gloriosa bandeira azul e branca no dia 1 de setembro de 1898, quando aos 19 annos sentou praça no regimento de cavallaria n.º 4, serviu a Patria e o Rei com lealdade, com sacrificio da sua liberdade e da sua posição.

Nasceu em Lisboa a 23 d'abril de 1879, indo na idade de cinco annos com seus paes para Setubal habitar o seu palacio da Praça de Quebedo, nome que vem d'um seu antepassado, Vasco Mousinho de Quebedo, nascido n'essa casa, edificada sobre parte das antigas muralhas da cidade, doadas a um de seus avós por El-Rei D. Manuel I. Fez os preparatorios em Setubal, indo em 1898 frequentar a Polytechnica, e em 1899 a Escola do Exercito, sahindo alferes em 1902 e tenente em 1906, sendo então nomeado ajudante de campo do director geral da arma de cavallaria o General Conde do Bomfim, de quem ainda era ajudante quando foi preso no Algarve em 31 de maio de 1911, estando no Castello de S. Jorge até 27 d'outubro do mesmo, depois de despronunciado por unanimidade pelo tribunal da Relação de Lisboa, por accordão em que se dizia *«por contra este arguido não haver o mais leve vestigio de culpa»*. Pois apezar da Relação o mandar pôr immediatamente em liberdade, o quartel general sonegou durante alguns dias a ordem de soltura!

Foi mandado seguir immediatamente para Evora, com recommendação secreta de ser muito vigiado, não lhe devendo ser concedida licença, embora a ella tivesse direito.

Foi novamente preso a 8 de julho de 1912, e esteve incommunicavel 50 dias, que com outros 25 da primeira prisão, são 75 dias, bätendo assim o *record* da incommunicabilidade, estando 9 mezes sem ser pronunciado.

Foi condemnado em 20 mezes de prisão correccional e 20 mezes de multa a 500 réis. E' filho de Jorge de Cabedo e Vasconcellos (já fallecido), antigo legitimista e redactor da *Nação*, e de D. Thereza Paes de Sande e Castro, neta dos Condes de S. Lourenço.

E' casado com D. Maria Augusta Saldanha da Gama, filha de D. Alexandre de Saldanha da Gama, chefe do partido legitimista, de quem tem seis filhos.



Tenente José Bruno de Cabedo

Eugenio Tavares de Almeida e Sousa

Nasceu a 20 de novembro de 1871, sendo seus paes já fallecidos, D. Maria José da Silveira Tavares de Almeida e Sousa e José Augusto Vieira de Souza, que foi conservador e naturalista adjuncto, exercendo frequentes vezes o cargo de director do Museu de Zoologia de Lisboa, hoje Museu Bocage; almoxarife das reaes propriedades do Alfeite; cavalleiro da Real Casa; official e cavalleiro de varias ordens nacionaes e estrangeiras; socio da Academia Real das Sciencias, da Sociedade de Geographia de Lisboa, e de varias sociedades scientificas estrangeiras, publicista, e um dos fundadores do Jardim Zoologico de Lisboa.

Por ter perdido um anno no lyceu, ficou impedido, devido á idade então exigida, de entrar na Escola Naval. Como, porém, era apaixonado pelo mar, embarcou em navios mercantes de vella. Faltavam-lhe 40 ou 50 dias de embarque no alto mar, para tirar a carta de piloto (official nautico), quando teve de abandonar esta carreira para evitar desgostos de sua familia, especialmente de seu pae, voltando depois aos estudos para concluir com as duas disciplinas que lhe faltavam o curso do Lyceu. Infelizmente n'esse anno fallecia seu pae, ficando elle com 18 annos incompletos, sem fortuna e com trez irmãos.

Graças a El-Rei o Senhor D. Luiz I, de saudosa memoria, que tinha por seu pae a estima e a consideração que o seu character merecia, e que custeára os estudos do filho, houve por bem determinar que succedesse a seu pae no cargo de almoxarife das reaes propriedades do Alfeite, ficando suspensa a nomeação até que completasse 21 annos.

Desgraçadamente, em outubro d'esse mesmo anno, El-Rei fallecia, e, por uma intriga que só se veio a descobrir em 1907, nunca lhe foi dada a posse do promettido cargo, apesar de ter servido com zêlo, ser varias vezes elogiado e d'uma portaria de louvor.

Trez annos depois, tendo a Casa Real montado uma lavoura importante nas suas vastas propriedades de Queluz, foi convidado a acceitar a transferencia para ali, pois era necessario pessoal dirigente habilitado. Fizeram-lhe algumas vantagens, e para lá marchou como ajudante e substituto do respectivo almoxarife, que então era seu tio materno, Antonio Tavares de Almeida, também fallecido.

Em Queluz, fez parte de todas as commissões locais de beneficencia e de melhoramentos da terra.

Até á scisão do partido regenerador pela separação do conselheiro João Franco, não estava filiado em algum partido; votava nas listas monarchicas com os seus amigos segundo as conveniencias da terra.

Fundado o partido regenerador-liberal, alistou-se n'elle com os amigos que



Eugenio Tavares de Almeida e Sousa

o acompanharam. Vieram então as grandes luctas, em que se bateu com denodo e fé, mantendo sempre uma linha de lealdade, que os seus mais fervorosos adversarios, eram os proprios a reconhecer.

Tremendas foram as luctas de 1908, 1909 e 1910, principalmente as d'este ultimo anno, em que jogou posição e bem estar, não tripidando ante as ameaças dos teixeiristas. E o bloco em todas as assembleias venceu, por muitas dezenas de votos, as duas listas inimigas, teixeiristas e jacobinos.

Paiva Couceiro, um dos candidatos que figuravam nas listas do bloco, escreveu-lhe por essa ocasião trez cartas, que são verdadeiras reliquias que elle guarda com ufania, em que se aprecia a maneira como cumpriu os seus deveres de patriota e de monarchico leal.

Com Paiva Couceiro, por quem é idolatra, e varios correligionarios (dois d'elles são hoje adhesivos!), foi um dos fundadores do «Centro Regenerador-Liberal de Queluz», que estava florescentissimo, quando da *débacle* de 5 d'outubro de 1910.

A 14 de julho de 1912 foi preso e sujeito a rigorosa incomunicabilidade durante 15 dias, estando mais d'um mez sem culpa formada, tudo coroado com a condemnação pelo tribunal marcial, em 4 annos de prisão maior cellullar seguidos de 8 de degredo, na alternativa de 15, em possessão de 2.^a classe, e 18 mezes de multa a 17500 réis diarios.

Como se vê, sobram-lhe qualidades para soffrer tudo o que a republica lhe tem feito soffrer: uma campanha politica no «*immundo*»; esbulhado do seu emprego com manifesto atropello da mais comesinha justiça e de todos os direitos; roubado em mais de 3 contos a que monta a quantia que, em quotas, capital e juros accumulados, deu para uma caixa de aposentações, — e, finalmente, «*aposentadoria*» na Penitenciaria!

Que mais accrescentar?

Ah! Um amigo da ordem, disciplinador inflexivel. Provam-no mais de 20 annos da vida de campo, durante os quaes teve sob as suas ordens centenas de creaturas e uma povoação inteira; comtudo nunca o operario ou o trabalhador do campo perderam uma migalha de pão por sua causa.

Monarchico d'antes quebrar que torcer, professa pelos ultimos Reis um alto culto de respeito, de acrisolado amor e de inexequivel e profunda gratidão, pois foram sempre seus protectores, embora á politica nada deva, antes prejuizos lhe causou.

Filho d'um sabio, tem tambem na sua familia, homens que se bateram valentemente pela Patria e pelo Rei, taes como o celebre general Silveira, seu tio bisavô materno; o general João Tavares d'Almeida, seu tio avô, que aos 25 annos era coronel, nas luctas de 1828-1834; o almirante Visconde de Sergio, avô materno, e um tio paterno, Duarte d'Almeida, alferes que se bateu na batalha de Toro, que, mutilados os dedos das mãos, salvou a bandeira do seu regimento, tomando-a com os dentes.



Domingos de Gusmão Araujo

Apezar de muito novo, fornece já um alto exemplo, digno de ser imitado, aos que se orgulham de ter nascido portuguezes.

Com o esforço do seu braço e as luzes do talento, tem sabido provar que em toda a parte se serve e dignifica uma ideia, que á força de fé e de crença se integrou no nosso proprio ser, vivendo a nossa vida.

Frequentava o terceiro anno do Curso Superior de Letras, onde era um dos alumnos mais distinctos, quando, impellido por um rasgo de dedicação pela causa monarchica, partiu em maio de 1911 para a Galliza com um pequeno grupo de companheiros, estudantes como elle, a offerecer os seus serviços ao paladino da realza, revelando-se um activo soldado da causa a que votára a sua vida, trabalhando incessantemente, cheio de coragem e fé, até á jornada de Vinhaes, em que tomou parte.

Os sacrificios inauditos que assignalaram a primeira incursão, supportou-os elle corajosamente, pelo que conquistou a estima do seu chefe, não abandonando um momento a saudosa bandeira azul e branca, que fielmente seguiu n'essa extenuante marcha, através dos cerros transmontanos, por incessantes tempestades da natureza, e a tempestade não menos afflictiva que abalava o coração dos mais fortes.

Após a acção de Vinhaes, Domingos de Gusmão escrevia a um seu parente e amigo: «*Eu não perco a esperança!*» E, de facto, não perdia.

Interrompida como estava a sua brilhante carreira escolar, ei-lo mais um anno na Galliza, ora em Tuy, ora em Orense, aguardando ansioso o momento em que novamente se desfraldasse a sua bandeira.

Não poude, porém, tomar parte na incursão de julho de 1912, porque uma prolongada doença, resultante de ferimentos graves, ocasionados n'uma refrega com republicanos hespanhoes, de que a imprensa largamente se occupou, o impedira de cooperar com o seu esforço batendo-se pela monarchia deante dos muros de Chaves.

Frustrada uma vez mais a esperança monarchica e dissolvidas as hostes de Couceiro, Domingos de Gusmão Araujo abandonou a Galliza, dirigindo-se para a Belgica, onde se matriculou na Faculdade de Philosophia da Universidade de Louvain, gozando ahi de altos creditos a que o seu reconhecido talento lhe dá direito.

Ha poucos mezes fundou em Louvain, juntamente com D. Antonio Cadaval, Rollão Preto, D. Ascenso de Sequeira e Luiz Braga, a excellente revista *Alma Portuguesa*, órgão do integralismo lusitano, da qual é director, e onde collaboram as intellectualidades mais eminentes dos nossos emigrados politicos.

Domingos de Gusmão Araujo, que conta 24 annos d'idade, nasceu em Lamezas, concelho de Vianna do Castello, e é filho de Francisco José d'Araujo, proprietario muito considerado, mas tendo vivido a maior parte dos seus annos na pittoresca freguezia de Refoyos de Lima com seus tios padres Manuel e Antonio d'Araujo, venerandos sacerdotes, que gosam da maior respeitabilidade.

Frequentou os Lyceus de Ponte de Lima e de Braga, passando em 1908 ao Curso Superior de Lettras.

Julgado á revellia pelo tribunal marcial de Braga foi condemnado em seis annos de prisão maior celular.

408 EX. 100 ASSURANCE

AOS EX.^{MOS} ASSIGNANTES

Com o n.º 6 terminou a assignatura do 1.º trimestre, e com o n.º 9, o 1.º volume do *Album dos Vencidos*, para o qual offerecemos as respectivas capas.

Tambem communicamos que reduzimos os preços de assignatura e que mudámos a redacção para a GUARDA, para onde devem ser dirigidas todas as reclamações, bem como elementos de informação, photographias, etc., que tenham cabimento na nossa publicação.

A assignatura é permanente.

Serie de 6 numeros	15000 réis
» » 3 »	540 »
Avulso	200 »

A medida que formos recebendo a importancia do 2.º trimestre ou 2.ª serie, de 15000 réis, iremos distribuindo as capas que offerecemos aos assignantes, que vão juntas com o n.º 10.

Por não poder ir agora publicaremos mais adiante o numero do Senhor D. Manuel.

O *Album dos Vencidos* vende-se em todas as livrarias.

Redacção e administração: Rua Ruy de Pina, 18 — GUARDA